

**Jovem Guarda em cena:
um estudo das capas da Revista Intervalo**

*Jovem Guarda on the scene:
a study of Intervalo Magazine covers.*

Cláudia Regina PAIXÃO¹

Resumo

O presente artigo recua no tempo para por luz a um programa existente entre 1965 e 1968, que extrapolou os estúdios televisivos e entrou para história como um movimento cultural. Trata-se do *Jovem Guarda*, da TV Record, apresentado por Roberto, Erasmo e Wanderléia, ídolos da juventude da época. Pretende-se analisar algumas capas da revista *Intervalo*, nas quais os apresentadores eram os protagonistas e assim através do passado, atualizar a produção de sentido desse programa e movimento cultural.

Palavras-chave: Jovem Guarda. Revista Intervalo. *Mise-en-scène*. Produção de Sentido.

Abstract

This article go back in time to put a light on a program aired between 1965 and 1968, which surpassed the television studios and became part of history as a cultural movement. This is the Jovem Guarda Program, from TV Record, presented by Roberto, Erasmos and Wanderléia, youth idols at that time. The objective is to analyze some Intervalo Magazine covers in which the presenters were the protagonists and so, through the past, update the meaning production of this program and cultural movement.

Keywords: Jovem Guarda. Intervalo Magazine. *Mise-en-scène*. Meaning production.

Introdução

Em setembro de 1965, entrava no ar pela TV Record, o programa *Jovem Guarda*. O programa tinha como apresentadores, os cantores Roberto Carlos, Erasmo

¹Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: azulclaudia@yahoo.com.br

Carlos e Wanderléa. Logo, os três tornaram-se ídolos juvenis e o programa transpôs os estúdios da TV Record para virar um movimento cultural.

Este artigo pretende flagrar alguns aspectos da Jovem Guarda, sob a ótica da imagem de seus apresentadores; personagens construídos para serem ídolos e, logo, produtos mercadológicos. Saias, blusões, chaveiros, bolsas e vários outros produtos eram adquiridos por um público sedento em aproximar-se de Roberto, Erasmo e Wanderléia. O jornalista Rui Martins definiria essa relação entre fãs e ídolos: “Cada telespectador pode ter o cantor para si, de modo individual. Não só naquele momento em que, no vídeo, ele parece lhe pertencer, mas todas as vezes em que adquirir e usar aquelas coisas que fazem parte da sua personalidade”. (MARTINS, 1966, p. 37).

Acredita-se que analisar as imagens dos personagens principais deste movimento, ajuda a entender melhor a construção do programa e sua expansão em movimento cultural. Assim, foram escolhidas seis capas da revista *Intervalo*, entre os anos de 1965 e 1968, período de existência do programa *Jovem Guarda*. A escolha das capas levou em consideração o foco nos apresentadores e também um conjunto de fotos que conseguissem dar conta de uma narrativa ligada a esse programa e a esses personagens.

A revista *Intervalo* foi lançada em 1963, pela Editora *Abril* e tratava-se de uma publicação semanal, voltada aos acontecimentos da televisão brasileira. A revista era uma publicação comercial, pautada em um meio de comunicação também comercial e logo, tinha o objetivo de persuadir para o consumo.

A revista é lançada treze anos após o surgimento da televisão no Brasil, assim observa-se treze anos depois, a existência de um público televisivo consolidado, ávido por acompanhar os bastidores, a programação e as fofocas dos ídolos da televisão. Em 1960 já existiam 20 emissoras de TV espalhadas pelas principais cidades brasileiras e cerca de 1,8 milhões de televisores. (MATTOS, 2002).

As análises das imagens que serão realizadas neste trabalho estão ancoradas no método desenvolvido por Paul Ricoeur, em seu livro *Tempo e Narrativa*. Ricoeur monta um método de agenciamento dos fatos em sistemas, no qual a narrativa é compreendida por mediações sequenciais: mimeses I, II e III.

Mimese I

A mimese I é o estágio de prefiguração ou da apresentação dos elementos que influenciam na narrativa. Entende-se que os traços temporais são decisivos na leitura das fotos e indutores da narrativa. Para Ricoeur, o sentido da mimese I é: “imitar ou representar a ação, é primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade”. (1994, p. 101).

Seguindo as divisões propostas por Ricoeur, neste primeiro estágio serão apresentados alguns aspectos políticos e sócio-culturais determinantes para a compreensão das imagens que serão analisadas.

Contexto

O Brasil dos anos 60 viveu uma conturbada fase política e uma efervescente cena musical. Com o apoio financeiro e militar dos Estados Unidos, em 1964 um golpe militar derruba o presidente João Goulart do poder. Tinha início o governo dos generais que se estendeu por vinte e um anos e instaurou uma administração centralizadora e cerceadora do livre direito de expressão. Paralelamente, no plano das artes vivíamos em meio a uma rica cena cultural, marcada pela Bossa Nova, pelos festivais da canção, pelas músicas de protesto, pela Tropicália e também por calorosos debates estéticos.

Era uma época de defesa dos valores nacionais, em que cada escolha estética era questionada. Em termos esquemáticos, pode-se dizer que de um lado estavam os que achavam que a arte deveria servir de meio de conscientização política para o povo; do outro, os que apregoavam a arte livre, desapegada de “pragmatismo engajado”. Outra discussão era entre preservar a cultura “autêntica”, local e abrir as portas para os elementos da cultura estrangeira, global. O que torna este debate, dos anos 60, singular é o fato de as discussões apresentarem-se norteadas pelas condições de midiaticização cultural, em tempos de intercâmbio cultural promovido pelo cinema, rádio, discos e televisão.

A televisão teve um importante papel na divulgação da produção musical dos anos 60 e conseqüentemente esteve envolvida nesses debates estéticos e ideológicos. A música tornou-se o carro chefe das programações televisivas, ocupando um lugar de destaque como nunca se viu em outras épocas da história deste veículo. Programas como *O Fino da Bossa*, *Festivais* e *Jovem Guarda* marcaram a década e entraram para história da televisão e da música no Brasil.

Um dos programas musicais que mais acirrou os embates entre as diferentes visões de cultura foi o *Jovem Guarda*. Surgido em setembro de 1965, na TV Record, o *Jovem Guarda* era calcado no *rock'n roll* e em sua releitura nacional, o “iê-iê-iê²”. O rock já era conhecido por aqui, desde os anos 50, pela presença da música de Elvis Presley e pelo cinema. Contudo, depois que o estilo ganhou um programa de televisão como porta-voz, sua divulgação foi potencializada.

O programa foi idealizado pela agência de publicidade *Magaldi Maia & Proserpi* com o intuito de criar ídolos, aos quais, se associassem produtos para ser comercializados. E assim se deu. Em pouco tempo Roberto, principalmente, Erasmo e Wanderléia tornaram-se ídolos juvenis. O *Jovem Guarda* explodiu como o maior fenômeno do consumo de massas no Brasil, tornando-se um movimento cultural extratelevisivo.

A imagem de Roberto Carlos e dos outros apresentadores do programa foi associada a um estilo de se vestir que os fãs almejavam imitar. Segundo Rui Martins (1966, p. 51), valendo-se do sucesso da música *O Calhambeque* foi lançada uma marca homônima à canção oferecendo aos fãs: calças, saias, chapéus, cintos, botinhas, blusões de couro, entre outros produtos. Sobre o caráter mercantil do movimento, Luiz Tatit ressalta: “A jovem guarda personificava a primeira explosão de marketing rigorosamente planejado e com alvo definido: a juventude pré-universitária e os aficionados do rock-Beatles”. (2004, p. 54).

As canções do “iê-iê-iê”, a maioria versões de sucessos americanos, versavam sobre temas românticos e pequenos atos rebeldes, sintetizando o comportamento do tipo “juventude transviada”. Cultuavam-se o carro, as roupas, os cabelos longos e os

² O termo “iê-iê-iê” vinha dos gritos “yeah yeah yeah” dos *Beatles*, na interpretação da canção *She Loves You*.

relacionamentos. O misto de rebeldia e romantismo contido nas canções fazia muito sucesso, sobretudo entre os jovens de classe média baixa.

Apesar do enorme sucesso com o público, o programa era alvo de críticas dos nacionalistas e de parte da classe artística que não via com bons olhos a reprodução de um estilo estrangeiro e ainda sob a forma de versões, em sua maior parte, e também por trazer como base das canções a guitarra elétrica. Anteriormente, a Bossa Nova ao incorporar elementos do *jazz*, já tinha sofrido críticas dos defensores de uma suposta cultura “autêntica”.

Tal embate estético – expressou diferentes posições ideológicas, ultrapassou os corredores da TV Record e se tornou um dos mais notórios da música popular – flagra o momento do crescente uso das tecnologias da comunicação no país associadas a um movimento de mundialização da cultura. Em um cenário de perdas das liberdades individuais – oriundas da ditadura militar –, era natural que o sentimento de pertencimento e reconhecimento se reforçasse, assim, o rock, um estilo musical importado era visto por parte da classe artista como pernicioso.

O “iê-iê-iê” passou a ser duramente atacado, com direito, inclusive, a uma passeata organizada por artistas em 1967, em defesa da música “nacional”, que ficou conhecida como Passeata contra a guitarra elétrica.

O objetivo principal não era ser contra a guitarra, o objetivo principal era defender a música brasileira, na concepção deles. Ela aos poucos foi mudando de rumo, porque ao mesmo tempo em que se defendia a música brasileira, atacava-se a guitarra elétrica, porque ela simboliza esta entrada de uma forma imperialista na música popular brasileira, era como eles achavam. (MELLO³, 2012).

Associado à acusação de alienação e despolitização, não tardou muito para que o movimento Jovem Guarda passasse a ser visto também como uma ameaça à MPB. Elis Regina apresentava juntamente com Jair Rodrigues *O Fino da Bossa*, programa representante da ala nacionalista da TV Record. *O Fino da Bossa* que até então era campeão absoluto de popularidade, começava a perder terreno nas pesquisas de audiência para o *Jovem Guarda*. Marcelo Froes (2000) expõe que, recém-chegada das férias que foi passar na Europa, Elis Regina assustou-se com a queda de audiência do

³ Entrevista realizada em 16/03/2012, com Zuza Homem de Mello, em sua residência, em São Paulo.

seu programa e a ascensão do concorrente. A cantora revoltou-se ao perceber que perdia para o que chamou de “submúsica”.

Embates a parte, o *Jovem Guarda* não foi muito longe, não resistindo à saída de seu principal ídolo Roberto Carlos. O programa deixou a grade da TV Record em janeiro de 1968. Decorrido cinquenta anos após seu surgimento, a *Jovem Guarda* se firmou em nossa história musical e televisiva como um importante movimento cultural. Roberto, Erasmo e Wanderléia, personagens principais desse movimento, mantêm fértil produção musical até os dias de hoje.

Mimese II

Paul Ricoeur monta seu método de forma a deixar a análise da narrativa ancorada pelos elementos que dão sentido a mesma e por sua compreensão pelo leitor. A mimese II tem uma função de mediação. Segundo Ricoeur: “... mimese II extrai sua inteligibilidade de sua faculdade de mediação, que é de conduzir do montante à jusante do texto, de transfigurar o montante em jusante por seu poder de configuração”. (1994, p. 86).

O segundo estágio da mimese é, portanto a configuração, a narrativa em si, materializada. De acordo com Ricoeur, a mimese II é o pivô da análise, a chave para o reino do como-se. (1994, p. 101).

Narrativa

Roberto, Erasmo e Wanderléia ou Brasa, Tremendão e Ternurinha, apelidos respectivos dos apresentadores, são personagens criados e postos em cena por um programa de televisão. Por personagem entendem-se como tudo do que se lança mão para determinado fim, como coloca Philippe Hamon:

...o ovo, a farinha, a manteiga, o gás são as “personagens” postas em cena pelo texto de uma receita de cozinha; do mesmo modo que o micróbio, o vírus, o glóbulo, o órgão, são as “personagens” do texto que narram o processo evolutivo de uma doença. (1972, p. 80).

Os eixos que constroem a narrativa dos personagens no programa são: a rebeldia, a juventude, a beleza e o carisma. A relação dos personagens entre em si é de semelhança, pois todos são apresentadores. Contudo visualiza-se na figura de Roberto Carlos o personagem principal, sendo Erasmo e Wanderléia personagens secundários. Erasmo sabia do protagonismo de Roberto e em trecho do livro do pesquisador Paulo de Tarso C. Medeiros, comenta:

Era coisa do Beatles. Coisa da gente sair do teatro e ter carro seguindo a gente... Bom, tinha uns dez atrás do Roberto, e uns quatro ou cinco atrás de mim... Mas era uma loucura mesmo. (MEDEIROS, 1984, p. 67).

As fotos analisadas retratam os apresentadores do programa *Jovem Guarda* na capa da revista *Intervalo*. As capas põem em cena personagens criados em um ambiente televisivo e ídolos de parte dos jovens da época – há também uma chamada em texto de outra matéria da revista, ocupando uma proporção infinitamente menor, em relação ao assunto da capa. Trata-se de fotos posadas, portanto encenadas, reiterando a imagem construída pelo programa de cada um dos apresentadores. No que diz respeito ao tempo da representação das fotos, as marcas temporais podem ser apreendidas pelas datas das edições e pelo figurino que revela uma época.

O primeiro ponto de análise são as escolhas do fotógrafo sobre o que por em cena, ou seja, a *mise-en-scène*. A decisão do que por em cena está relacionada em como se pretende direcionar o olhar, chamar a atenção na foto. “Frequentemente, um contador de histórias em qualquer meio procura chamar nossa atenção para certos detalhes e deixar outros caírem no esquecimento ou desaparecem”. (Bordwell, 2008, p.63).

Partiremos das concepções de David Bordwell sobre *mise-en-scène* para ancorar as análises. Embora o autor tenha utilizado o conceito em seus estudos sobre o estilo no cinema, acredita-se ser possível transpor os termos para a fotografia. A *mise-en-scène* para Bordwell é assim definida: “Para mim, o essencial sentido técnico do termo denota cenário, iluminação, figurino, maquiagem e atuação dos atores dentro do quadro”. (2008, p. 36). Assim, parte-se desses elementos para analisar as fotos, com predominância de alguns itens sobre outros.

Outro aspecto de análise nas fotos é a presença de textos referenciadores que ajudam a construir o sentido da imagem. Para subsidiar a compreensão dos textos das capas das revistas e sua combinação com a imagem se recorrerá à análise retórica, tendo como base os estudos de Umberto Eco sobre as mensagens publicitárias. “O registro verbal tem a função precípua de ancorar a mensagem, porque frequentemente a comunicação visual se mostra ambígua e conceptualizável de modos diversos”. (Eco, 1987, p. 161).

Na primeira imagem analisada, o título reforça a idéia de “bom moço” criada pelo programa em torno do seu principal apresentador, ou seja, a foto é redundante na vertente retórica e ideológica. Contudo, o “bom mocismo” construído pelo *Jovem Guarda* se deu através de canções românticas e de conteúdo leve. A foto, por sua vez, reforça o lado “bom” de Roberto Carlos, através de elementos que não tinham consonância com o programa, como o figurino e o objeto de cena.

Estranhamente o apresentador é vestido com uma camisa e uma blusa que destoam de seu visual mais rebelde. O jornalista Rui Martins definiu a *Jovem Guarda* como uma rebelião romântica, na qual se apresentou uma estética agressiva contraposta a uma música ingênua e inofensiva. “Exceptuadas as mostras de rebeldia relacionadas com vestimenta e uso de cabelos longos, essa juventude não agride, não ameaça e nem coloca em dúvida o nosso tipo de organização social”. (MARTINS, 1966, p. 57).

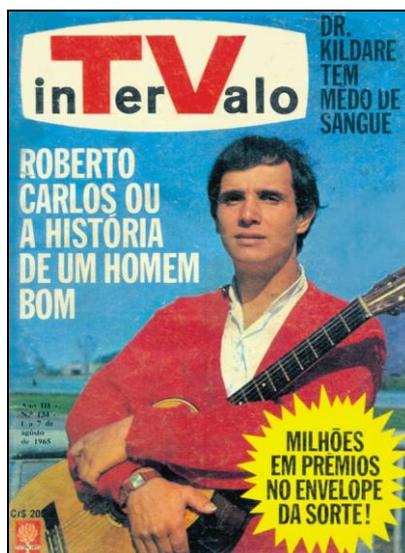
A fisionomia de Roberto Carlos com a boca levemente entreaberta e olhar sereno também contribuem para o sentido da foto de um homem pacato e bom. Em relação ao ponto de vista físico, percebe-se o olhar do fotógrafo um pouco baixo do olhar do retratado, valorizando assim o ídolo.

A articulação do ponto de vista, com a câmera em plano americano justifica-se pela presença do violão e do efeito de sentido que esse instrumento dá a foto. O violão estava ligado à MPB e à ala nacionalista da música e coloca-se como outro reforçador do lado bom do apresentador; uma vez que a guitarra, amplamente utilizada pelo *Jovem Guarda*, era alvo de inúmeras críticas.

Nesta foto há contrastes marcantes. Um deles é o tonal, estabelecido entre o primeiro plano em vermelho e o fundo azul. O outro é quanto às formas, a linha horizontal do fundo contrasta com a linha vertical do personagem e diagonal do violão.

O fato de o fundo estar desfocado direciona a atenção para o primeiro plano e impossibilita maiores particularidades do espaço. O que se percebe pela foto é que o espaço é composto por poucos elementos, direcionando o olhar para o apresentador e o instrumento.

Figura 2 – Capa Revista InTerValo



Fonte: blog Astros em Revista

A segunda imagem traz no plano retórico uma ironia, informando que Roberto Carlos pode até ter muitos carros, mas namorada, não tem nenhuma. Imagem e texto se mostram em consonância, já que a atuação do personagem é condizente com o título: sorriso e olhar sem graça, ar de timidez, como se Roberto soubesse ao posar, qual seria o título que ancoraria sua foto.

Ao contrário da foto anterior, o figurino (jaqueta e gola alta) está adequado ao personagem que Roberto representava no programa *Jovem Guarda*. Com fundo neutro, contrastado com o primeiro plano, tem-se o apresentador de perfil com o rosto voltado para a câmera que está no mesmo nível de seu olhar. A atenção é direcionada para a expressão do rosto de Roberto Carlos e optou-se pela focalização em plano médio.

Figura 2 – Capa Revista InTerValo



Fonte: blog Astros em Revista

Na terceira foto temos uma retórica que suscita sentidos a imagem. O título ancora-se à imagem levantando a suspeita de um possível envolvimento da atriz e cantora Eliana Pitman com Roberto ou de uma parceria musical. O que desperta a curiosidade é justamente a articulação entre imagem, texto e as várias possibilidades de resposta à pergunta título da capa. No título, sublinhado, está o apelido de Roberto no programa *Jovem Guarda*, o Brasa, ou seja, fica marcado o papel de Roberto enquanto personagem de um programa televisivo.

Roberto e Eliana são postos em cena sentados, sorrindo, descontraídos e não têm seus olhares voltados ao receptor, ao contrário da maioria das fotos posadas. Fazem crer tratar-se de uma foto de um instante qualquer, como coloca Jacques Aumont (1993) ao distinguir o “instante decisivo” do “instante qualquer”. Para Aumont essas duas categorias marcam uma oposição entre duas ideologias de representação do tempo na imagem fixa, na qual o instante decisivo está associado a um momento único, portador de sentido e o instante qualquer, à idéia de autenticidade, fazendo crer que não se havia escolhido o momento representado.

Como articulação do ponto de vista adota-se o plano americano, onde se vê até parte das pernas dos artistas, com pouco destaque na cena, já que a pergunta título fica

justamente nesta área. O olhar do fotógrafo encontra-se um pouco baixo do olhar dos retratados, valorizando assim, os ídolos. O figurino, se mostra adequado ao personagem de Roberto no programa *Jovem Guarda*, visualiza-se inclusive os anéis usados pelo apresentador.

A harmonia entre os artistas também é construída na rima de cores do figurino, Roberto utiliza uma camisa cor ouro da mesma cor do gorro de Eliana. O fundo azul neutro desloca a atenção para o primeiro plano, com cores contrastantes. Quanto às formas, como os artistas estão sentados predomina a horizontal, quebrada pelas linhas verticais dos corpos e diagonais dos braços e das pernas cruzadas para o mesmo lado.

Figura 3 – Capa Revista InTerValo



Fonte: blog Astros em Revista

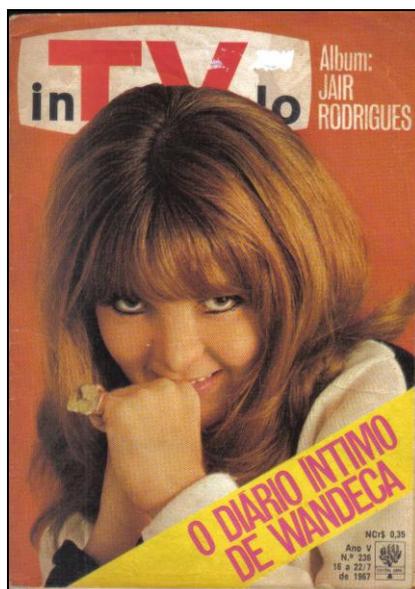
Na quarta foto temos retórica em combinação com imagem. A fisionomia de Wanderléia, olhando o público de baixo para cima, com as mãos na boca produz o sentido de que a apresentadora está a esconder algo. Ancorando a imagem temos o título chamando para o diário da apresentadora.

Pouco se revela do figurino, percebemos uma blusa de mangas compridas e detalhe em seu anel. A maquiagem marca os olhos, com teor altamente expressivo nesta foto.

O fundo, como na maioria das fotos analisadas, é neutro, tendo como prioridade sempre os personagens. As cores utilizadas no primeiro e segundo plano não são contrastantes. Desta forma, a atenção é direcionada para o primeiro plano pelo olhar de Wanderléia, por isso a opção pela focalização em plano médio.

A câmera está um pouco acima do olhar do personagem, produzindo o efeito de vulnerabilidade da apresentadora perante seu segredo.

Figura 4 – Capa Revista InTerValo



Fonte: blog Astros em Revista

Na quinta foto temos em cena Erasmo Carlos e Wanderléia, ou melhor, os personagens do programa *Jovem Guarda*, Tremendão e Ternurinha, respectivamente. Retórica e imagem combinam, ambas anunciam um romance. Contudo, há um aspecto intrigante na associação entre foto e imagem. A considerar o modo de leitura da esquerda para direita, tem-se na foto à esquerda Wanderléia e à direita Erasmo, o título, por sua vez, afirma que “Tremendão ama Ternurinha”, invertendo a ordem de leitura. Tal escolha pode ter sido pautada em um reforço do papel do homem de eleger seus amores e na submissão da mulher em ser a escolhida (a lembrar que o contexto é a década de sessenta).

Erasmo e Wanderléia estão sentados, ele segura a mão da amada e ela em seu braço. A fisionomia de ambos é tranquila, serena. O casal posa para revelar ao público o

romance, tanto é que os olhares de ambos estão voltados ao leitor; entre eles a interação é mínima, mais pelo texto do que pelas mãos entendemos de que se trata de um casal.

O figurino está condizente ao que utilizavam no programa. Em destaque os anéis e colar de Erasmo. As roupas de ambos têm o mesmo tom, não chamando atenção para nenhum dos dois especificamente, mas para o conjunto, o casal. O fundo da foto ocupada uma pequena proporção, já que os apresentadores tomam grande parte do quadro.

A focalização é em plano americano, privilegiando na cena as mãos de Erasmo e Wanderléia, foco que produz sentido. Em relação ao ponto de vista físico, o olhar do fotógrafo está um pouco baixo do olhar dos retratados, valorizando assim os ídolos.

Figura 5 – Capa Revista InTerValo



Fonte: blog Astros em Revista

A sexta foto flagra a “briga” existente entre os apresentadores do *Jovem Guarda* e os artistas da Bossa Nova. Segundo o pesquisador Marcos Napolitano (2010), as críticas a *Jovem Guarda*, recaíam sobre a estrutura musical, considerada muito simplista em comparação à MPB, sobre os temas das canções, tidos como alienados em face do clima restritivo vivido pela nação e pelo uso de timbres eletrônicos, à base de teclados e guitarras, uma vez que a esquerda defendia a música brasileira “autêntica”, ligada ao violão e a instrumentos percussivos.

No nível retórico é informado que Erasmo fez críticas a artistas da Bossa Nova, a expressão utilizada para falar do grupo é “panelinha” e a palavra aparece sublinhada.

O campo da imagem está em consonância com o retórico. Trata-se de uma foto que por seus elementos figurativos e pelo texto provoca a “panelinha” da bossa nova, que tanto criticava o programa *Jovem Guarda*. O apresentador é posto em cena cantando e tocando guitarra, instrumento que encabeçava as críticas dirigidas ao programa. Em um trecho desta matéria, presente no livro de Marcelo Froes, o apresentador retruca as difamações vindas do pessoal da Bossa Nova:

Em primeiro lugar, se a Bossa Nova continuar esnobe e tão afastada do povo, vai pifar. Eles são sistematicamente contra nós, mas deviam era atizar fogo numa panelinha que já está esfriando. Como é que têm coragem de nos acusar de cantar versões e músicas estrangeiras, se eles enfiaram o jazz na sua musiquinha nacional? (FRÓES, 2000, p. 89).

Trata-se de uma foto de um instante decisivo, mas que não deixa de ser posada, já que o apresentador olha para a câmera. No primeiro plano estão Erasmo, a guitarra e o microfone. O fundo apresenta-se desfocado, mas identificam-se linhas verticais azuis e marrons. O que se depreende pela foto é que o espaço é um palco, mas revelam-se poucos elementos, justamente para chamar a atenção para o primeiro plano.

Em relação às linhas, a guitarra em diagonal quebra as linhas verticais, formadas pelo fundo, apresentador e microfone.

Em relação ao ponto de vista físico, percebe-se o olhar do fotógrafo em perspectiva, um pouco baixo do olhar do retratado, valorizando assim o ídolo. O plano americano é justificado pela presença da guitarra e do efeito de sentido que esse instrumento dá a foto.

Figura 6 – Capa Revista InTerValo



Fonte: blog Astros em Revista

Mimese III

A mimese III encerra o percurso da mimese. É a refiguração, a pós-compreensão da imagem, a leitura, a recepção. “... mimese III marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor”. (Ricoeur, 1994, p. 110).

Este segmento é igualmente importante para Ricoeur, pois para o autor é da interação entre texto e receptor, que o texto se torna obra.

Esta etapa da mimese não pode ser feita por dificuldades de acesso ao público do programa. Pretende-se com mais tempo empreender esta pesquisa. Em 2015, o programa *Jovem Guarda* completou 50 anos, assim os entrevistados deverão ser homens e mulheres de 65 até 80 anos, portanto que tinham de 15 a 30 anos no período estudado, levando em consideração que os jovens eram o público predominante do programa. Outro critério será o fato de os entrevistados possuírem televisão no período de existência do programa (1965 a 1968) e assistirem ao *Jovem Guarda*. Serão mostradas aos entrevistados as capas das revistas analisadas e na sequência será iniciada

a entrevista⁴. O objetivo é suscitar a memória do público sobre esse programa e desta forma através do passado, atualizar a produção de sentido em relação a Jovem Guarda.

Considerações finais

No conjunto das seis fotos analisadas temos nos apresentadores do programa *Jovem Guarda* o artifício para vender revista. As capas põem em cena, na combinação entre imagem e retórica, o que público quer saber: intrigas, casos amorosos e bastidores. Lembrando que os três cantores-apresentadores-personagens eram ídolos do público jovem, e que multidões desejavam copiar o modo de vestir, aproximar-se e conhecer a fundo a vida dos ídolos. Como expõe o pesquisador Paulo de Tarso C. Medeiros:

O cabelo comprido de Roberto, os anéis e colares reluzentes de Erasmo, as roupas berrantes, as gírias, qualquer gesto repetido no palco se transformava logo em signo, moeda circulante a atestar quem estava “na onda” entre os maiores de 12 anos, em 1967. (MEDEIROS, 1984, p. 48).

As capas analisadas reiteram a imagem construída pela televisão em torno dos apresentadores: jovens bonitos, cobiçados, rebeldes na estética visual, “bons moços” nas letras que faziam. Conforme coloca Umberto Eco sobre a publicidade comercial: “requer um fundo ideológico já pré-constituído, conhecido do destinatário, e mais para ser reafirmado do que subvertido”. (1987, p.178).

Nota-se uma similaridade de estratégias utilizadas pela revista nas capas. A ênfase sempre é colocada no primeiro plano, no qual se encontra o personagem. Os fundos são neutros, direcionando a atenção aos personagens. Das seis fotos analisadas, quatro foram tiradas em estúdio, portanto são declaradamente posadas e encenadas, com exceção de uma que, embora em estúdio, cria a impressão do instante qualquer, segundo Aumont (figura 03). As outras duas são posadas, em ambientes externos (figura 01 e 06).

Quanto ao olhar do fotógrafo temos a maioria das fotos em *contra plongê*, ressaltando o personagem. Em duas fotos apenas, nas quais a narrativa se dá pela

⁴ Serão individuais em profundidade, com questões semi-estruturadas em um roteiro de questões guia.

fisionomia dos personagens, opta-se pelo ângulo reto e pelo *plongê* (neste caso, associando essa focalização a uma estratégia de sentido de fragilidade da personagem perante o leitor, figura 04).

Em relação ao leitor, das seis fotos analisadas, em cinco ele é colocado como integrante da narrativa, os personagens olham para ele. Em apenas uma, o leitor é aquele que observa de fora (figura 03).

Ao analisar as capas dessas revistas, apreende-se a dimensão dos apresentadores para o leitor modelo e a importância da televisão na difusão de um estilo musical estrangeiro e em sua releitura nacional. Essa reflexão se mostra com mais uma ferramenta na compreensão do movimento Jovem Guarda. Este artigo não pretendeu esgotar as possibilidades de análises, cabendo ainda algumas outras categorias dentro do segundo estágio da mimese.

Referências

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1993.

BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema**. Tradução: Maria Luiza Machado Jatobá. Campinas: Papirus, 2008.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ELIAS, Orias. **Astros em Revista**. Disponível em: <<http://astrosemrevista.blogspot.com.br/search/label/revista%20Intervalo>>. Acesso em: 31 de out. 2015.

FRÓES, Marcelo. **Jovem Guarda: em ritmo de aventura**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HAMON, Philippe. Para um estatuto semiológico da personagem. *In*: ROSSUM-GUYON, F. V.; HAMON, P.; SALLENAVE, D. (Orgs.). **Categorias da narrativa**. Tradução: Maria Alzira Seixo. Vega Universidade; Lisboa.

MARTINS, Rui. **A rebelião romântica da jovem guarda**. São Paulo: Fulgor, 1966.

MEDEIROS, Paulo de Tarso C. **A aventura da Jovem Guarda**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MELLO, Zuza Homem de. **Música e Televisão**: depoimento. [16 de março, 2012]. São Paulo. Entrevista concedida a Cláudia Paixão.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

TATIT, Luiz. **O século da canção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.